

# Será a babá uma alegoria de todos nós? O ato realizado, nosso ato fantasiado?

Denise Hausen<sup>1</sup>

RESENHA DO LIVRO:

SLIMANI, Leïla. **Canção de ninar**. Tusquets Editores. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

Leïla Slimani, escritora franco-marroquina, primeira mulher a receber grávida o mais tradicional dos lauréis literários na França, o Prêmio Goncourt, é a autora de *Canção de ninar* (Tusquets/Editora Planeta, 2018). Presente no evento Fronteiras do Pensamento deste ano e convidada para a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2018, seu livro tem previsão de tornar-se roteiro cinematográfico.

A edição brasileira apresenta-se com uma capa suave e terna que nos encaminha para uma leitura igualmente suave: crianças, aconchego, meiguice, zelo e cuidado. A primeira frase nos joga para o oposto: o bebê está morto! O que também nos enseja o título ingênuo e confortável, uma áspera e mórbida ironia.

De leitura fácil e difícil digestão, o livro de Leïla não é de entretenimento e tampouco permite ao leitor sair dele do mesmo modo que entrou. Não é possível retirar-se incólume após percorrer suas 191 páginas de uma escrita sem exageros, realista e econômica na sua proposta.

Narra a história de uma família composta por Paul e Myriam e seus dois filhos, Mila e Adam. Myriam, aluna destacada em seu curso de Direito, com a maternidade vê-se compelida a deixar sua carreira para cuidar das crianças. Cálcu-

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro pleno do CEPdePA.

los são feitos e o abono que o Governo daria para a creche seria insuficiente para o casal poder assumir essa despesa. Babá... impossível. Mas um encontro com um ex-colega aciona o destino que se constrói a partir daí: “*Seu antigo colega não a reconheceu de imediato: ela usava uma calça larga demais, botas velhas e estava com os cabelos sujos presos em um coque... não parava de pensar na velha blusa de gola púida que vestia sob o casaco.*”

Leila tece seu drama a partir das mulheres: seus personagens são mulheres ao redor de quem os homens da trama gravitam. Mulheres sobre as quais desaba a responsabilidade de bem criar os filhos, zelar pela harmonia de seus lares, serem o sustento emocional de suas famílias.

*À noite, Paul dormia o sono pesado de quem trabalhou o dia inteiro e merece descanso. Ela se roía de amargura e arrependimento... pensava na felicidade que sentira ao ser admitida na Ordem, na primeira vez que usara a beca de advogada, que Paul tinha fotografado ela... orgulhosa e sorridente.*

Será esse o ponto central do livro? Um libelo feminino? Uma proposta feminista para o enfrentamento das singularidades de gênero que dramatizam a vida de tantas mulheres pelo mundo?

Leila tece seu drama a partir de duas mulheres de condições sociais distintas. Myriam, a mãe, universitária, que mora em um bairro diferenciado, que pode, quem sabe, escolher entre o trabalho no lar ou o trabalho fora de casa, e Louise, a babá, que dá às crianças que cuida o que não pôde dar à sua filha, que acorda na periferia e se desloca de um apartamento feio, úmido, que, mesmo assim, não consegue pagar. Sobe e desce de mais de um meio de transporte.

Diz a amiga de Myriam quando esta se prepara para as entrevistas de seleção da babá:

*“A babá tem dois filhos aqui, acaba que ela nunca pode ficar até mais tarde ou vir de vez em quando no final da semana. Não é muito prático. Pense nisso quando fizer as entrevistas. Se ela tiver filhos, é melhor que eles não estejam na França.”*

Será esse o ponto central do livro? Uma denúncia de que mãe pobre precisa se desfazer de seus filhos? Um retrato das babás imigrantes e suas patroas brancas, a torre de Babel que se tornam os parques europeus com todas aquelas pessoas de origens distintas e os seus idiomas?

Louise é perfeita: invisível como toda serviçal doméstica deve ser; faz além do contrato, como é o esperado do desempenho de toda babá, gerencia tudo que diz respeito à casa, como as roupas, a sujeira, a comida dos adultos e até a organização do aniversário.

Leila não nos apresenta Myriam como uma mãe descuidada. Em sua linguagem simples e direta, a descreve como uma mulher/mãe prototípica de classe média, que já esteve insatisfeita com a maternidade e cansada do emprego mal remunerado, o de dona de casa: *“Com duas crianças, tudo ficou mais complicado: fazer compras, dar banho, ir ao médico, fazer faxina. As contas se acumularam. Começou a detestar as saídas ao parque!”*.

Será esse o ponto central do livro? O reconhecimento das coisas maçantes, rotineiras da maternidade em confronto com a utopia de que a maternidade dará à mulher um retorno ideal?

Myriam e Louise podem nos confrontar, no entanto, com a ambivalência que nos gera a existência de um terceiro que nos exige a saída do narcisismo que nos habita: a criança que não é nossa extensão, a criança que tem voz própria, seja no choro ou em outras manifestações: o bebê está morto.

A ambivalência gerada pela existência simultânea de dois afetos: amamos e odiamos nossos bebês. Que destino dar a esses afetos válidos e inegáveis em sua existência? Reconhecer o bebê em sua individualidade é de uma dor inestimável, perde-se uma parte idealizada de nós mesmos: o bebê está morto!

*“Nós só seremos felizes, ela diz então a si mesma, quando não precisarmos mais uns dos outros. Quando pudermos viver para nós mesmos, uma vida que nos pertença, que não tenha a ver com os outros. Quando formos livres.”*

O bebê está morto!

Que tenham uma boa leitura.